

VARIAÇÃO ENTRE O PRESENTE DO INDICATIVO E O PRESENTE DO SUBJUNTIVO E SEUS REFLEXOS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Idrissa Ribeiro NOVO¹ (UFF)

RESUMO: Diversas pesquisas têm apontado a variação entre o modo subjuntivo e o modo indicativo. Nesse trabalho, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, objetiva-se analisar os casos em que o presente do indicativo se apresenta no lugar do presente do subjuntivo, em contextos que a prescrição gramatical atesta o uso do subjuntivo. Realizam-se testes de percepção e produção com turmas de Ensino Fundamental e de Ensino Médio em uma escola do município de Niterói e em duas escolas do município de Itaboraí. Discute-se a interferência da variável no ensino-aprendizagem desses modos verbais nas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: modos verbais; indicativo; subjuntivo; variação; ensino.

ABSTRACT: Several studies have pointed out the variation between the subjunctive and the indicative mood. In this work, from the viewpoint of variations sociolinguistics, the objective is to analyze cases that the present indicative appears in place of the present subjunctive in contexts that grammatical prescription certifies the use of the subjunctive. Perception and production tests are held with groups of elementary school and high school into one school of Niterói and two schools of Itaboraí. The interference of the variable is discussed in teaching-learning of these verbal modes in Portuguese classes.

Keywords: verbal modes; indicative; subjunctive; variation; teaching

1. Considerações iniciais

De maneira geral, as Gramáticas Normativas apresentam certa uniformidade quanto à distribuição dos modos verbais do português: indicativo, subjuntivo e imperativo. Em especial, verifica-se a necessidade de demarcar uma oposição entre o indicativo e o subjuntivo, uma vez que um define-se pelo que o outro não representa. Assim, se o indicativo é o modo da certeza, o subjuntivo é o da incerteza, da hipótese.

Entretanto, essa diferenciação pode não ser tão segura quanto parece ser. PERINI (2010) destaca que, nas orações factuais, não é sempre que se verifica o uso do modo indicativo. O linguista observa que o subjuntivo também pode ser usado na expressão de fatos, como se constata nos exemplos abaixo:

(I) *É evidente que ele está bêbado.*

(II) *É uma pena que ele esteja bêbado.*²

Segundo PERINI (2010: 200):

A razão para essa diferença de modos é que a factualidade da oração subordinada é apresentada diferentemente nas duas frases. Em (I) o nominal *evidente* tem como função semântica principal **asserir** (fazer uma asserção sobre) a crença do falante de que o que se segue é verdadeiro. Já em (II) o nominal *pena* não tem nada a ver diretamente com a asserção da verdade; em vez disso, asser que o que se segue é uma coisa lamentável – essa é a opinião do falante. (...) Dizemos então que o conteúdo da oração subordinada é **asserido** em (I), e **pressuposto** em (II). (Grifos do autor)

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Contato: idrissa_novo@hotmail.com

² Exemplos de PERINI (2010: 200).

A essa reflexão, segue-se uma pergunta: o subjuntivo é realmente o modo da incerteza, da hipótese? PERINI (2009) consideraria que ambas as frases exprimem certeza, mesmo que a primeira apresente uma certeza afirmativa e a segunda uma certeza pressuposta.

PERINI (2009) assevera ainda que os dois modos podem expressar uma falta de certeza, como nos exemplos a seguir:

(III) *Eu sonhei que Selma fumava cachimbo.*

(IV) *Eu duvido que Selma fume cachimbo.* ³

Em nenhum dos dois casos há certeza quanto o fato de Selma fumar cachimbo.

CUNHA e CINTRA (2007: 448) ressaltam ainda que o indicativo “é, fundamentalmente, o modo da oração principal”. Já o subjuntivo:

(...) (do latim *subjunctivus* ‘que serve para ligar, para subordinar’) denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. **Daí o seu emprego normal na oração subordinada.** Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matriz efetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. (CUNHA e CINTRA, 2007: 466; grifo nosso)

Estabelece-se, então, uma dependência sintática do subjuntivo, já que, em geral, este modo é empregado em orações subordinadas. A oração com o subjuntivo depende da oração principal, encerrando esta um fato possível, desejado, incerto.

As afirmações acima podem ser aceitáveis quando se consideram apenas casos correntes na norma culta monitorada, em geral da modalidade escrita. Porém, pesquisas recentes, de propósitos semelhantes aos nossos, constataam situações de uso variável entre esses dois modos, nos contextos em que o subjuntivo é considerado obrigatório pela prescrição gramatical. Elencamos abaixo alguns exemplos de trabalhos anteriores, coletados da fala:

(V) *E porque a gente falou, né? se for mulher eu escolho, se for homem ele escolhe. **ESPERO** que ele **ESCOLHE** um nome bonito, né? pra depois o filho não reclamar quando crescer.* (FLP 06FJG, L1635) ⁴

(VI) *Bem, eu acho que pra ele que tá chegou nesse debate aí numa fase muito, muito pequenininho né, eu acho que ele foi bom, foi bom, embora eu **CONCORDO** também com a maioria aqui de que o Lula foi excepcional do ponto de vista de que ele disse que entende das coisas.* (Olhar 2002 – 05/08/2002) ⁵

Como se percebe, os dados (V) e (VI) rompem com prescrição proposta por CUNHA e CINTRA (2007), na medida em que as orações subordinadas apresentam verbo no modo indicativo. Como verifica PIMPÃO (2012: 34), “dada a natureza basicamente prescritiva das gramáticas de linha tradicional, não há nelas espaço para a consideração e a análise do uso variável entre subjuntivo e indicativo”.

Contudo, PIMPÃO (2012: 34-35) afirma que o fenômeno tem sido estudado por linguistas, os quais percebem “a perda de valores associados à flexão do modo subjuntivo e a possibilidade de extensão desses

³ Exemplos retirado de PERINI (2009).

⁴ In PIMPÃO (2012: 34).

⁵ In GONÇALVES (2003: 10).

valores para outras estratégias linguísticas, com a consequente expansão de contextos de emprego do modo indicativo”.

CAMARA JR. (2009) diz que os tempos verbais do indicativo podem ser usados com valor modal e podem perder toda a expressão temporal em proveito desse valor, como nos exemplos seguintes:

(VII) *Só há um homem capaz disso. (expressão da segurança)*

(VIII) *Só haverá um homem capaz disso. (expressão da dúvida)* ⁶

Além disso, CAMARA JR. (2009: 280-281) assevera que “em português, como nas demais línguas românicas, o subjuntivo sofreu a interferência do indicativo e só aparece em determinados tipos frasais, por uma servidão gramatical”, usado em contextos bem específicos: em oração independente depois do advérbio de dúvida talvez; em oração integrante subordinada a verbos de significação volitiva ou optativa; em oração relativa, para expressar apenas a possibilidade da qualificação expressa; em orações subordinadas finais; numa oração modal que desenvolve uma concessão.

PERINI (2009: 257) considera que a oposição entre indicativo e subjuntivo tende a se tornar puramente formal. Ele também avalia a hipótese de que a oposição morfológica entre esses dois modos possa ser governada por traços semanticamente não motivados dos verbos. Assim, para PERINI (2009: 259), há uma tendência em se eliminar o papel semântico do subjuntivo e, gradativamente, isso pode acarretar a eliminação do próprio modo.

Estamos, porém, mais inclinados a concordar com PIMPÃO (2012), para quem o subjuntivo não está em vias de extinção. O que se verifica, segundo a nossa perspectiva, é um caso de variação. Então, consideramos, assim como PIMPÃO (2012), que o modo subjuntivo possa ser utilizado concomitante a certas estruturas de valor modal.

PIMPÃO (1999; 2012) coleta dados que apontam para o uso variável do subjuntivo em orações iniciadas por *talvez*. Segundo a linguista, nesse contexto o subjuntivo favoreceu-se por dois fatores: informação nova e traço de futuridade. Então, como se verifica, há ainda contextos que condicionam o uso desse modo verbal.

PIMPÃO (2012) considera que o nível de escolaridade e a faixa etária possam condicionar a flutuação modal. Dessa forma, acredita-se que informantes mais jovens e com menor escolaridade tendam a optar pelo indicativo, nos contextos que as gramáticas normativas apontam ser obrigatório o uso do modo subjuntivo.

PERINI (2010) tenta descrever em sua ‘Gramática’ a sistematicidade de uso dos modos no português brasileiro (PB), mas reconhece que a descrição proposta não vale para todas as variedades do PB. Segundo o linguista,

Uma observação informal parece indicar variação regional: no Nordeste, os usos do PB são um tanto mais próximos dos da língua escrita, e podemos considerar essas variedades, nesse particular, mais conservadoras. Já no Sul e no Sudeste, se verifica uma forte tendência a reduzir o uso do subjuntivo, colocando em seu lugar o indicativo ou, em certos casos, o infinitivo.

(...)

É importante repetir que esse processo afeta o **presente** do subjuntivo, mas não o futuro e o imperfeito, que continuam em uso corrente em todas as regiões (me refiro aqui aos dialetos urbanos). (PERINI, 2010: 207; grifo do autor)

⁶ In CAMARA JR. (1996: 209).

A hipótese de PERINI (2010) coincide, em certa medida, com o trabalho desenvolvido por Martha SCHERRE (2007) sobre o uso do imperativo no Brasil. No mapeamento apresentado por ela, constata-se que o imperativo associado a marcas do indicativo ocorre em cidades da Região Sudeste e Centro-Oeste. Já o imperativo com marcas do subjuntivo ocorre em cidades da Região Nordeste. Algumas cidades da Região Sul, como Florianópolis, encaixam-se no primeiro grupo; outras, como Lages, encontram-se no segundo grupo.⁷

Muito nos chama atenção o posicionamento de PERINI (2010), ao afirmar que esse fenômeno afeta apenas o presente do subjuntivo. Entretanto, como ele mesmo ressalva, suas observações são sumárias e o mapeamento desses fenômenos ainda está por ser feito.

À procura de trabalhos que nos pudessem servir de base, encontramos duas dissertações que assinalam a flutuação em outros contextos. GONÇALVES (2003) pontua em sua pesquisa exemplos de emprego do futuro do pretérito do indicativo em lugar do pretérito imperfeito do subjuntivo, emprego do infinitivo em lugar do futuro do subjuntivo e ainda flutuação entre os tempos do subjuntivo. VIEIRA (2007), que utiliza o *corpus* D&G, encontra casos em que o pretérito imperfeito é empregado no lugar do pretérito do subjuntivo.

É notável, contudo, que a maioria dos casos compreende a variação entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo, nos contextos, em que segundo a prescrição gramatical, o uso do subjuntivo é obrigatório. É por esse motivo que, assim como PIMPÃO (2012), iremos nos dedicar exclusivamente a essa particularidade.

2. Resultados da pesquisa

TARALLO (2007) sugere dois tipos de testes sociolinguísticos a serem realizados com os informantes: o teste de percepção e o teste de produção. Esse consiste em mecanismos que motivem os informantes a construir a variável; aquele pretende que os informantes avaliem o grau de aceitabilidade de uma variável.

Em nossa análise, contemplamos ambos os tipos de testes. O primeiro, um teste de percepção, apresentava as duas variantes (presente do indicativo / presente do subjuntivo) e os alunos precisavam escolher a que julgavam mais aceitável. Já o segundo era um teste de produção e requeria dos alunos o preenchimento da lacuna com a variante que julgavam mais adequada, a partir de seu próprio conhecimento enquanto falantes.

O teste utilizado segue abaixo:

| |
|---|
| <p>Escola onde estuda: _____ Idade: ____ Escolaridade: _____ Cidade onde nasceu: _____ Cidade onde vive: _____</p> <p>1. Marque o verbo que você utilizaria:</p> <p>a) Talvez um dia isso (entra/ entre) na cabeça dele.</p> |
|---|

⁷ Dados presentes em PIMPÃO (2012).

- b) Acredito que o Brasil (ganhe/ ganha) a Copa de 2018.
 c) Não há pessoa que (perturbe/ perturba) mais do que Fátima.
 d) Não é porque eu não (conheço/ conheça) Cláudio que eu (tenho/ tenha) uma boa impressão a seu respeito.
 e) Ensino tudo direitinho aos meus filhos, apesar de que eles não (levam/ levem) muito a sério.
 f) Pelo que nós (saibamos/ sabemos), Roberta não virá.
 g) Embora Fernanda (possua/ possui) o livro, não irá te emprestar.
 h) Acho que todos querem que (vivemos/ vivamos) muito.
 i) Não se tira nada que (presta/ preste) da televisão.

2. Complete as lacunas do texto abaixo, conjugando o verbo entre parênteses da maneira que **você** achar adequada:

Como é difícil ser adolescente!

Os pais querem que nós 1ª _____ (estudar), que nós 2ª _____ (crescer), que nós 3ª _____ (fazer) nossas tarefas de casa. Na verdade, eu quero que os meus pais me 4ª _____ (respeitar) e me 5ª _____ (deixar) fazer o que eu quiser. Será que eles não entendem! Não é possível que eles nunca 6ª _____ (ter) sido adolescentes!

Mesmo que nós 7ª _____ (fazer) uma besteira, precisamos arriscar, entende?! Sei lá, preciso saber das minhas preferências! Talvez eu 8ª _____ (gostar) de ir para a balada; talvez eu 9ª _____ (preferir) ficar em casa...

Embora eles 10ª _____ (concordar) e 11ª _____ (saber) que precisamos viver, não largam do nosso pé. Que saco!

Antes de eles realizarem os testes, foi necessário que preenchessem alguns dados pessoais – idade, escolaridade, cidade natal, cidade onde reside. Esses dados constituiriam as variáveis extralinguísticas que consideraríamos em nossa análise. Porém, nesse caso, desconsideraremos a variável idade, já que todos pertencem à mesma faixa etária (11 - 18 anos) e não foram encontrados dados estatisticamente relevantes para essa variável.

A amostra contou com 98 informantes, distribuídos em:

- Escola Municipal Antônio Alves Vianna, Itaboraí
6º ano do Ensino Fundamental – 28 informantes
9º ano do Ensino Fundamental – 25 informantes
- Escola Estadual Doutor Moacyr Padilha – Apollo II, Itaboraí
3ª série do Ensino Médio – 20 informantes
- Colégio Estadual Raul Vidal, Niterói
6º ano do Ensino Fundamental – 26 informantes
9º ano do Ensino Fundamental – 19 informantes
3ª série do Ensino Médio – 18 informantes

Cidade natal

Na análise isolada de cidades, percebemos um resultado bastante equilibrado para a variável. Entretanto, na comparação entre cidades, notamos algumas divergências.

Na questão ‘e’, os estudantes das duas escolas itaboraienses, nascidos em outros lugares (ou que não sabem onde nasceram), preferiram o presente do Indicativo. Em contrapartida, 50% dos informantes do C.E. Raul Vidal optaram pelo presente do Subjuntivo.

Na letra ‘c’, a maioria dos alunos da escola itaboraiense marcou Subjuntivo, assim como os discentes provenientes de outros municípios. Diferentemente, no C.E. Raul Vidal, grande parte dos informantes preferiu usar o Indicativo.

Ainda há que se ressaltarem os resultados encontrados para a questão ‘d’. Da mesma forma que ocorre no item anterior, os estudantes do Vianna utilizaram mais o Subjuntivo, enquanto os do Raul Vidal escolheram o presente do Indicativo.

É extremamente relevante observar que os dados das questões ‘c’ e ‘d’ mostraram-se discrepantes para os informantes de São Gonçalo nas duas escolas. Acreditamos que isso ocorra devido ao contato com niteroienses e itaboraienses. Aqueles que estão em contato com nascidos em Itaboraí utilizam mais o Subjuntivo; os que mantêm contato com niteroienses preferem o Indicativo.

Cidade de residência

Os estudantes que vivem em São Gonçalo das três escolas apresentaram uniformidade quanto à preferência pelo Subjuntivo. O que mais chama atenção, nesse caso, é a maior incidência de uso do indicativo por falantes residentes em Niterói – cinco ocorrências contra três dos habitantes de Itaboraí. A nossa hipótese inicial de que Niterói apresentaria mais escolhas para o Subjuntivo revela-se equivocada, porquanto a escola itaboraiense apresente maior frequência de uso desse modo.

O teste de produção confirma os resultados encontrados no teste de percepção, uma vez que os residentes da cidade de Itaboraí preferem, de maneira geral, usar o Subjuntivo. Nesse caso, das doze lacunas, apenas em uma delas (9ª), os informantes do Ensino Médio da escola niteroiense utilizaram menos o Indicativo dos que assistem em Itaboraí.

Faixa etária e escolaridade

Nas duas cidades, a faixa etária encontrada para o 6º ano varia entre 11 e 14 anos; para o 9º ano e a 3ª série do Ensino Médio, entre 13 e 18 anos. Nesse caso, podemos alocar todos os falantes em uma mesma faixa etária, já que o intervalo entre as idades é muito curto. Posteriormente, devemos ampliar a amostragem quanto àquela variável. Assim, a análise restringe-se apenas ao quesito escolaridade.

Quando da comparação entre cidades, constatamos novamente maior incidência de marcação do Indicativo na escola niteroiense, em todos os níveis de escolaridade, assim como já havíamos observado na análise das outras variáveis.

No teste de produção, as duas escolas obtiveram resultados semelhantes. Nas três instituições, os alunos do 6º ano preferiram o Indicativo, diferentemente dos alunos do 9º ano e do Ensino Médio. Portanto,

fica demonstrado o quanto o fator escolaridade é importante condicionador da variação em estudo. Por fim, ressaltamos que, mais uma vez, os estudantes do C.E. Raul Vidal utilizaram mais o Indicativo.

Contexto sintático

Na análise do contexto sintático, observamos as seguintes estruturas: orações com advérbio talvez, orações subordinadas substantivas, orações subordinadas adjetivas restritivas, orações subordinadas adverbiais causais, consecutivas e concessivas e uma oração parentética.

Orações introduzidas pelo advérbio ‘talvez’ previnem o ouvinte/ leitor de que a informação subsequente não necessariamente seja assertiva, já que o modalizador indica uma incerteza, uma possibilidade. Lembremos a sentença utilizada no teste de percepção:

Talvez um dia isso (entra/entre) na cabeça dele.

Nas três escolas pesquisadas, a maioria dos informantes optou pelo presente do Subjuntivo. Nesse caso, o fato de ‘isso entrar na cabeça dele’ independe do enunciador da frase; por isso, a marcação massiva da opção com o referido modo verbal. De acordo com PIMPÃO (1999: 79),

O modalizador *talvez* constitui uma das estratégias linguísticas mais expressivas de traduzir a incerteza epistêmica, sendo inegável seu traço inerente de imprimir uma baixa adesão do falante em relação à proposição. A intenção comunicativa do falante de **revelar um baixo grau de comprometimento com a informação proposicional** realiza-se no caráter desse modalizador de enquadrar a proposição no eixo da possibilidade, da virtualidade. (grifo nosso)

O mesmo raciocínio pode ser considerado para a oração substantiva expressa em (b), quando a maioria dos informantes das três escolas prefere a construção: “Acredito que o Brasil ganhe a Copa de 2018”.

O fato de o Brasil ganhar a Copa constitui mera expectativa, cuja confirmação, necessariamente, escapa às limitações dos informantes. Levando em consideração o contexto de produção, se o pronunciante dessa frase fosse um técnico confiante na vitória da seleção, provavelmente, ele optaria pelo presente do Indicativo, uma vez que ganhar depende de sua capacidade de comandar o time.

A outra oração substantiva, por sua vez, apresenta maior percentual para o modo Indicativo nas duas instituições. Embora o verbo volitivo ‘querer’ expresse um desejo, o fato de ‘viver muito’ depende diretamente do enunciador.

Em relação a orações restritivas, as escolas revelam resultados diferentes para a questão ‘c’. Acreditamos que a interpretação dada às orações seja o fator determinante. A maior parte dos discentes do colégio itaboraiense considera que o nominal referencial ‘pessoa’ seja indefinido, já que optam pelo Subjuntivo. Enquanto isso, praticamente a metade dos alunos do C.E. Raul Vidal usa o Indicativo, codificando o mesmo referencial como definido ⁸.

⁸ No diz respeito à referencialidade dos argumentos nominais, Givón considera os traços definido e indefinido. Definido: falantes codificam um nominal como uma identidade referencial única. Indefinido: falantes não codificam um nominal como uma identidade referencial única. Assim como PIMPÃO (1999), consideramos um nominal indefinido quando há utilização do Subjuntivo e definido quando há utilização do Indicativo.

Já a letra 'i' apresenta uma expressão cristalizada: 'não se tira nada que presta/ preste'. Nesse caso, cremos que o uso do Indicativo/ Subjuntivo não se aplica a uma regra variável, mas sim à utilização cotidiana da expressão.

As orações adverbiais que expressem causalidade (causa e consequência) evidenciaram um uso mais frequente do modo Indicativo. A oração causal, assim formalizada, 'porque eu não conheço' cancela a inferência de que 'só podemos fazer julgamentos de quem conhecemos'. A maioria dos informantes rompe com essa provável inferência ao utilizar o Indicativo. Entretanto, os estudantes de Itaboraí utilizam o Subjuntivo na consecutiva 'que eu tenho/ tenha uma impressão a seu respeito', provavelmente, por considerarem que 'não é possível fazer julgamentos sem conhecer Cláudio'.

Quanto às adverbiais concessivas assinaladas em 'e' e 'g', grande parte dos alunos de ambas as escolas marcaram o presente do Subjuntivo, mantendo a ideia de contraexpectativa característica, atribuída às concessivas nos compêndios gramaticais.

Por fim, a oração parentética apresenta um resultado extremamente considerável para o modo Indicativo. Nos três casos investigados por PIMPÃO (2012) – orações parentéticas com o verbo conhecer, lembrar e saber –, a pesquisadora revela ter encontrado variação apenas para o verbo lembrar e 100% de uso do Subjuntivo nos outros dois casos. No entanto, constatamos que a oração parentética com o verbo 'saber' alcançou resultados expressivos para o presente do Indicativo. Acreditamos que, nesse caso, a características de factividade favoreça o uso do modo assinalado.

No teste de produção, notamos, ainda que singela, uma maior marcação do presente do Indicativo nas orações introduzidas pelo advérbio 'talvez'. Nesses casos, verificamos que há maior envolvimento do enunciador, por conta do uso de verbos que exigem dele uma tomada de posicionamento (gostar/preferir) e, conseqüentemente, uma responsabilidade pelo conteúdo da informação.

Quanto às orações substantivas, aquelas que dependem diretamente do enunciador (1ª, 2ª e 3ª orações do teste) apresentam um resultado significativo para o presente do Indicativo. As demais orações substantivas, por serem fatos que escapam à exclusiva atuação do enunciador, demonstram maiores percentuais para o presente do Subjuntivo.

Em relação às adverbiais concessivas, verificamos resultados discrepantes na comparação com o teste de percepção. Nas três ocorrências concessivas, há um uso relevante do presente do Indicativo. Observe-se que, nesses casos, as orações apresentam um grau de acertividade, de veracidade, que possibilita o uso daquele modo verbal.

Pessoa gramatical

Conforme imaginávamos, os resultados das três escolas atestam que o presente do Indicativo é mais utilizado para a 1ª pessoa do que para a 3ª pessoa. Tal fenômeno está relacionado ao que antes relatamos na análise do contexto sintático. Quanto mais o fato está diretamente ligado ao enunciador, mais provável é o uso do Indicativo.

No teste de produção, surpreendentemente, os resultados encontrados não condizem com a nossa expectativa, nem com o raciocínio que vimos desenvolvendo até aqui. Em ambas as escolas, os dados revelam um uso considerável do Indicativo para a 3ª pessoa gramatical. Não cabe agora discutirmos o que possivelmente nos leva a esses resultados. É necessário que se faça uma análise mais acurada posteriormente.

3. E a escola nisso tudo?

Geralmente, a queixa de muitos professores de Língua Portuguesa é o insucesso do ensino-aprendizagem do modo Subjuntivo. Na verdade, uma das nossas motivações para a realização deste trabalho fora justamente tal problemática.

Depois de analisarmos os testes realizados, chegamos à conclusão de que isso ocorre, porque certos casos assinalados nos compêndios normativos como de uso obrigatório do Subjuntivo não são assim considerados pelos falantes.

Tomemos como exemplo as estruturas constituídas do advérbio ‘talvez’:

Talvez um dia isso entra/ entre na cabeça dele.

Talvez eu gosto/goste de ir para a balada.

Talvez eu prefiro/prefira ficar em casa...

O Subjuntivo, por mais que tenha uma marca específica que indique possibilidade, ainda exige outro elemento para complementar a modalidade. No entanto, por conta do advérbio ‘talvez’, o falante interpreta que não haja obrigatoriedade de se usar o modo subjuntivo, pois a própria expressão possui forte carga semântica relacionada à possibilidade.

No caso das orações substantivas que apresentam o verbo volitivo ‘querer’, observamos algo semelhante. A maioria dos alunos preferiu as seguintes construções:

Acho que todos querem que vivemos muito.

Os pais querem que nós estudamos, que nós crescemos, que nós fazemos nossas tarefas de casa.

Na verdade, eu quero que os meus pais me respeitam.

Se o verbo volitivo já expressa por si só um desejo, uma vontade, os falantes entendem não ser necessário repetir tal informação na oração subordinada.

Além disso, o Indicativo está relacionado à factualidade, à assertividade, diferentemente do Subjuntivo. Nas orações em que os estudantes optaram por aquele modo verbal, nota-se a característica de assertividade com mais evidência. Exemplo disso é a seguinte estrutura:

‘Mesmo que nós fazemos uma besteira, precisamos arriscar, entende?!’

Nesse caso, ‘fazer uma besteira’ é uma constatação. Uma vez que o texto utilizado no teste de produção tem como tema os anseios dos adolescentes, os alunos identificam-se com a situação e entendem ‘fazer uma besteira’ como fato. Daí, o uso mais evidente do Indicativo.

Portanto, as aulas de Língua Portuguesa representam um conflito com o raciocínio natural dos falantes. Não há espaço nas aulas de português e nos compêndios normativos para discussões atreladas a traços não linguísticos, funcionais e pragmáticos. Por isso, o Subjuntivo torna-se extremamente difícil de

aprender e somente a repetição do conteúdo ao longo dos anos escolares faz com que ele seja mais utilizado por estudantes do Ensino Médio.

4. Considerações finais

Nessa pequena análise sobre a variação existente entre o presente do subjuntivo e o presente do indicativo, percebemos que muito precisa ser esclarecido. As poucas conclusões a que chegamos evidenciam essa necessidade:

1. A variável *cidade natal* não apresentou dados tão relevantes.
2. A variável *cidade de residência* pode ser um fator condicionante da variação. Estudantes de Niterói estão mais propensos a utilizar o presente do Indicativo.
3. O fator *escolaridade* está intrinsecamente atrelado à flutuação modal. Falantes mais escolarizados utilizam com maior frequência o Subjuntivo.
4. A variável linguística *contexto sintático* mostrou-se bem relevante. Orações substantivas + verbo volitivo ‘querer’ motivam o presente do Indicativo, assim como orações com o advérbio ‘talvez’. As adverbiais concessivas também apresentam um resultado considerável para o Indicativo.
5. A variável *persona* apresentou dados significativos para presente do indicativo no teste de produção. Constatou-se que o fator 1ª pessoa é um condicionador do presente do Indicativo.

É relevante considerar em trabalhos posteriores uma amostragem mais ampla, que contemple outras faixas etárias, pois acreditamos que o fenômeno também esteja atrelado a essas variáveis. Ainda julgamos interesse realizar testes de atitude, para que possamos avaliar o nível de consciência dos falantes quanto à variação.

Assim, ambicionamos agregar resultados relevantes aos já alcançados em outros estudos dessa natureza.

5. Referências Bibliográficas

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

PERINI, Mario A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIMPÃO, T. S. **Varição no presente do modo subjuntivo**: uma abordagem discursivo-pragmática. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1999.

_____. **Uso variável do presente no modo subjuntivo**: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolinguística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

VIEIRA, M. M. M. **Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas**: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá. Dissertação de Mestrado. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.